

ENTREVISTA⁶ ATALIBA T. CASTILHO

Ataliba Teixeira de Castilho é um nome que dispensaria apresentação, mas não poderíamos perder esta oportunidade de fazê-lo. Na linguística brasileira contemporânea, o sobrenome Castilho é referência obrigatória. Sua obra é vasta, tanto quanto é significativa sua atuação em importantes instituições de ensino superior no Brasil. Ex-Professor titular da Universidade Estadual Paulista (1961-1975), Professor titular aposentado da Universidade Estadual de Campinas (1975-1991) e da Universidade de São Paulo (1996-2006), atualmente é Professor *senior* na Universidade de São Paulo e professor colaborador voluntário na Universidade Estadual de Campinas. Coordenou diversos projetos coletivos de pesquisa, com destaque para o Projeto NURC/SP (1970-1988), o Projeto de Gramática do Português Falado (1988-2011) e o Projeto para a História do Português Brasileiro. Presidiu a Área de Letras e Linguística da Capes (1987-1990), a Associação Brasileira de Linguística (1983-1985), a Associação de Linguística e Filologia da América Latina (1999-2005) e foi membro do Comitê de Assesores em Letras e Linguística do CNPq (1991-1993). Participou de programas de pós-doutoramento em universidades da Itália, Portugal, EUA e França. É autor de vários livros, entre os quais: *Subsídios à Proposta Curricular de Língua Portuguesa para o 2º Grau* (org.); *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo* (org., com Dino Preti); *Português Culto Falado no Brasil* (org.); *Gramática do Português Falado* (org.); *A Língua Falada no Ensino de Português*; e *Para a História do Português Brasileiro* (org.). Em 2010, lançou a *Nova Gramática do Português Brasileiro*.

Em outubro de 2014, Ataliba, com a generosidade e o bom humor que lhe são peculiares, encontrou tempo para conceder-nos a entrevista que segue:

PROLÍNGUA: Seus estudos vêm defendendo uma proposta de análise multissistêmica para explicar o funcionamento da língua. Quais são, em linhas gerais, as bases dessa proposta? Que aspectos da mudança linguística são contemplados em sua abordagem cujo tratamento difere de outros vinculados a perspectivas como a do funcionalismo norte-americano, por exemplo?

ATALIBA CASTILHO: Apresento, inicialmente, as motivações que me levaram a formular a Abordagem Multissistêmica, seguindo-se a apresentação de suas bases.

É fácil prever dificuldades na compreensão dessa abordagem, tão acostumados estamos a afirmações tais como (1) as línguas naturais podem ser representadas sob a forma de camadas, hierarquicamente dispostas; (2) na análise linguística, deve-se postular uma camada central, entendendo-se as demais como periféricas; interfaces entre essas camadas podem ser identificadas; (3) as categorias linguísticas são negativas, exclusivas (uma categoria nega a outra), arranjando-se linearmente, ou seja, umas se dispõem após as outras; (4) a Linguística deve enquadrar-se na epistemologia das ciências clássicas.

A abordagem multissistêmica descarta essas premissas, enquadrando-se na epistemologia das ciências complexas.

⁶ Como citar: CASTILHO, Ataliba T. de. Entrevista: funcionalismo(s) e teoria multissistêmica. **Revista PROLÍNGUA**. V. 9, N. 2. 2014. (Entrevista concedida a Camilo Rosa Silva)

(1) Motivações para a formulação da Abordagem multissistêmica.

Venho formulando a Abordagem multissistêmica desde 1998, quando considerei importante buscar algumas generalizações para os achados do Projeto NURC e do Projeto de Gramática do Português Brasileiro, que coordenei de 1970 a 1997, e de 1988 a 2006.

Na altura, os procedimentos analíticos fundamentados na teoria clássica eram desafiados por fenômenos do tipo:

(1) Anacoluto**(1) [Conversa num ponto de ônibus]****a) Loc. 1 – *mas como está demorando hoje, hein?***

Loc. 2 – *só::... e quando chega... ainda vem todo sujo... lotado... isso sem falar na tarifa... que sobe todo mês...*

b) *... é o tal negócio... sei lá... entende?* (DID RJ 18)**c) *Cada um fica mais ou menos responsável por si pelo menos... por si... fisicamente... né? de higiene... de... trocar roupa... todo esse negócio...* (D2 SP 360)****(2) Repetição****(2)****a)**

	<i>Peixe</i>	
	<i>Peixe</i>	<i>aqui no Rio Grande do Sul</i>
<i>eu tenho impressão que se come</i>	<i>Peixe</i>	<i>exclusivamente na Semana Santa</i>

(D2 POA 291)

b)

<i>funciona mal</i>	<i>aquele negócio de...</i>	
	<i>aquele negócio de limite de idade</i>	<i>funciona muito mal</i>

(D2 SP 360)

(3) Segmentos epilinguísticos, aqui transcritos em negrito:**(3)****a) *o terreiro (...)* é:: *um:: como poderia chamar? um chão...* (DID SP 18)****b) *já há um processo... seria melhor dito... já um processo de análise... já há um exame...* (EF POA 278)****c) *mas então... digamos assim... esse processo de análise poderia...*****(4) Marcadores discursivos**

Em seu conjunto, esses fenômenos levantavam problemas do tipo:

- Como entender e analisar segmentos cujo tópico não foi lexicalizado, como em (1 a,c)?
- Se sintagmas e sentenças ainda são válidos como categorias sintáticas, o que fazer com segmentos que aparentemente ainda não se estruturaram, como (1b)?
- As repetições, tão frequentes na língua falada, esconderiam alguma regularidade? Haveria alguma relação entre repetir e organizar os constituintes sentenciais, como em (2)?

- Alguns segmentos interrompem o fluxo da interação, mais parecendo que falamos conosco mesmos, como em (3). O que se aprende com isto, a respeito da construção da linguagem?
- Como analisar os marcadores discursivos? Como classes gramaticais? Como processos de constituição do texto?

Uma busca intensiva por respostas percorre os oito volumes da coleção de ensaios, *Gramática do Português Falado*, e mais recentemente, os volumes de consolidação desses ensaios na gramática propriamente dita: Clélia; Koch (Orgs. 2006), Ilari; Moura Neves (2008), Kato; Nascimento (Orgs. 2008), Abaurre (Org. 2013), Ilari (Org. 2014), e mais volumes vindouros.

Tratava-se de formular generalizações a partir das descrições efetuadas, em que trabalhei seguidas vezes: Castilho (1989, 1994, 1997b, 1998b, c).

Mas o impacto dos estudos sobre a oralidade sobre as teorias linguísticas estava ocorrendo também em outros ambientes acadêmicos.

Nos Estados Unidos, Sacks, Schegloff and Jefferson (1974) chamaram a atenção para a Análise da conversação, mostrando a necessidade de uma gramática da conversação.

Ono and Thompson (1994a), Ford and Thompson (1996), Ochs, Schegloff and Thompson (eds. 1996) aceitaram esse desafio, focalizando a motivação conversacional das estruturas gramaticais.

Na França, Blanche-Benveniste (1979, et al 1984, 1985, 1986, éd. 1970, 1997) tinha organizado o “Groupe Aixois de Recherches en Syntaxe”, demonstrando que a transcrição da oralidade cria o objeto de análise. Blanche-Benveniste identificou a biaxialidade da sintaxe da lingual falada, o que reformulava a percepção saussureana do eixo paradigmático, agora, um conjunto de expressões em presença.

Na Itália, Duranti-Ochs (1979), Nencioni (1983), Parisi-Castelfranchi (1977), Berrutto (1987), D’Achille (1990) desenvolviam várias pesquisas sobre a oralidade. Sornicola (1981, 1982, 1987) escreveu a primeira obra extensa nesse campo. De Mauro pôs em funcionamento, a partir de 1990, o projeto “Lessico Italiano di Frequenza”: De Mauro et alii (1992), De Mauro (a c. di 1994).

Destaco dessa literatura toda as seguintes “afirmações-perguntas”, formuladas por Dorothea Frank e Rossana Sornicola:

“What type of objects should be taken as sentences in order to make compatible its definiton with the assumptions of Conversation Analysis? Instead of analyzing sentences as completed products from a post-factum perspective, it seems more acceptable to study them as processes which unfold in time”, i.e., like dynamical entities”: Franck (1981: 14), grifos meus.

“La mia impressione è che in effetti questo quadro teorico (...) possa essere estremamente fruttuoso negli studi sul parlato spontaneo. Le oscillazioni e fluttuazioni, talora impercettibili all’orecchio umano, talora di grande entità, che caratterizzano il parlato spontaneo, possono essere meglio comprese all’interno di un quadro concettuale incentrato sulla complessità e sul non determinismo”: Sornicola (1994: 120), grifos meus.

As citações acima trazem ao debate conceitos linguísticos desafiadores, tais como:

- Interface entre as estruturas sintáticas e as estratégias de administração dos turnos conversacionais
- Análise de processos, e não apenas análise de produtos linguísticos
- Complexidade
- Não determinismo
- Língua como atividade, etc.

É bastante claro que esses linguistas estão lidando com a propriedade dinâmica da linguagem, que já vinha ocupando a atenção dos cognitivistas. É também muito claro que eles estavam lidando com a dicotomia “produção vs. produto”, que cruza com frequência a história da Linguística.

Para considerar os fenômenos linguísticos em seu dinamismo, mostrou-se necessário tomar outra direção epistemológica, integrando a Linguística entre as ciências dos domínios complexos, que debatem atualmente um conjunto de fenômenos tais como a circulação dos fluidos, a previsão do tempo, as oscilações dos ciclos econômicos, o crescimento populacional, as proteínas como sistemas em movimento, etc.

Esses fenômenos não revelaram a ordem, a simetria e a elegância esperadas pelas ciências clássicas. Eles são melhor entendidos como processos criativos frequentemente denominados “caos”, ou sistemas complexos

A Abordagem multissistêmica, de orientação funcionalista-cognitivista, define-se pelos seguintes postulados: (1) processos e produtos convivem num mesmo recorte de língua; (2) processos e produtos linguísticos são multissistêmicos, ultrapassando e englobando os limites da Gramática; (3) um dispositivo sociocognitivo administra os sistemas linguísticos.

Para entender a língua como um sistema complexo, será necessário aceitar as afirmações contidas nas seções que se seguem.

(2) Base I: processos e produtos linguísticos são multissistêmicos e simultâneos

A percepção multissistêmica da língua representa uma resposta aos desafios de descrever a oralidade, tanto quanto uma reação a afirmações que se podem encontrar na literatura sobre gramaticalização.

Contraponho às afirmações constantes daquela bibliografia a postulação da língua como um sistema dinâmico e complexo, configurado no quadro das ciências dos domínios complexos.

A postulação da língua como um sistema complexo pode ser definida através das seguintes premissas:

(1) *Do ângulo dos processos, as línguas serão definíveis como um conjunto de atividades mentais, pré-verbais, organizáveis num multissistema operacional.*

Os processos que organizam as línguas entendidas em seu dinamismo operam (i) simultaneamente, não sequencialmente, (ii) dinamicamente (não são entidades estáticas), (iii) multilinearmente (não são entidades unilineares).

A língua-enquanto-processo pode ser razoavelmente articulada em quatro domínios: (1) Lexicalização, (2) Discursivização, (3) Semanticização e (4) Gramaticalização.

Ainda que timidamente, os estudos sobre a gramaticalização levantaram o véu da língua-enquanto-processo. Os estudos sobre a gramaticalização falharam, entretanto, ao não enquadrar o processo da gramaticalização entre outros processos de criação linguística, restringindo a tratá-lo como um epifenômeno.

(2) Do ângulo dos produtos, as línguas serão apresentadas como um conjunto de categorias igualmente organizadas num multissistema.

A língua-enquanto-produto é um conjunto de categorias agrupadas em quatro sistemas: (1) Léxico, (2) Discurso, (3) Semântica (4) Gramática.

Esses sistemas serão considerados autônomos uns em relação aos outros, ou seja, não se admitirá que um sistema determina/deriva de outro, nem se proporá uma hierarquia entre eles. Com isso, não se postulará a existência de sistemas centrais e de sistemas periféricos. Em consequência dessa premissa, qualquer expressão linguística exibe ao mesmo tempo características lexicais, discursivas, semânticas e gramaticais.

Passo a detalhar o que entendo por domínios e sistemas, mencionados nessas premissas.

(2.1) Léxico e lexicalização

O Léxico é entendido como o conjunto de palavras de uma língua, dispostas em categorias tais como o Substantivo, o Pronome, o Verbo, o Adjetivo, o Advérbio, o Artigo, a Conjunção e a Preposição, numa língua como o PB.

Cada item pertencente a essas categorias representa a lexicalização de um conjunto de traços. Isso torna sem sentido assumir que um Substantivo gera um Advérbio, um Advérbio gera uma Preposição e assim em diante, como se assume comumente nos estudos sobre a gramaticalização. Durante a aquisição do Léxico, nós provavelmente adquirimos primeiro as categorias e subcategorias cognitivas, tanto quanto a habilidade de combiná-las em diferentes padrões, reunidas nas palavras por convenções sociais.

A Lexicalização é o processo de criação das palavras, por meio da etimologia (lexicalização ocorrida na língua-fonte), neologia (lexicalização ocorrida na língua-alvo), derivação (lexicalização ocorrida no interior da língua alvo, por meio do desdobramento de itens previamente existentes), ou por meio de empréstimo lexical (lexicalização ocorrida por contacto linguístico).

Em suma, Lexicalização e Léxico devem ser entendidos num continuum, que vai da cognição preverbal para a expressão verbal, da língua-enérgeia para a língua-érgon, interpretando dessa maneira os conceitos formulados por Wilhelm von Humboldt.

Durante a interação, o falante e o ouvinte tomam decisões sobre como lexicalizar e como administrar o Léxico, que propriedades ativar, reativar ou desativar. Essa administração estabelece um conjunto de momentos, termo tomado aqui em seu sentido etimológico de "movimento".

(2.2) Semântica e semanticização

A Semântica é o sistema configurado pelas seguintes categorias: referenciação, predicação, verificação, foricidade e junção.

Inicialmente, a Semântica ocupou-se da mudança e da tipologia dos significados, concentrando-se no estudo da palavra. Isto caracterizou a Semântica lexical, que investiga também questões tais como sinonímia, polissemia, campos semânticos. A Semântica composicional (ou Semântica sintática) estendeu esse domínio, tratando dos processos de mudança metonímica de itens dispostos numa contiguidade sintagmática, a da incidência de algumas palavras sobre outras (operadores e escopo), etc. A Semântica pragmática trata dos significados gerados no espaço que medeia entre os falantes e os signos linguísticos, em que os significados apurados não são contidos nas palavras nem nas construções gramaticais. Ela trabalha com processos tais como inferência, pressuposição, atos performativos, implicatura conversacional, e assim por diante.

A semanticização é o processo de criação, modificação e categorização do significado linguístico. Esse processo cobre os campos da semanticização lexical, composicional e pragmática.

No processo de criação e modificação dos sentidos, várias estratégias são desenvolvidas, algumas delas referidas na seção anterior. Dada a natureza dinâmica própria da fala, a mudança dos sentidos é um processo contínuo, que levanta mais perguntas do que respostas. Heine; Claudi; Hünemeyer (1991a) organizaram um quadro interessante para capturar as representações semânticas das categorias cognitivas básicas.

(2.3) Discurso e discursivização

É bem sabido que o termo "discurso" envolve diferentes realidades. Relaciono aqui as seguintes:

- (i) Execução individual do sistema linguístico, o mesmo que fala, que corresponde à *parole* saussuriana. O estudo da fala foi inicialmente desenvolvido pela Estilística. Certos tipos de Análise do Discurso contemporânea representam sua continuação.
- (ii) O mesmo que enunciado, ou combinação de sentenças, sujeito a certas regularidades. Alguns modelos estruturalistas empreenderam a descrição desse objeto.
- (iii) O mesmo que texto, entendido como uma estrutura acabada, na qual podemos identificar suas unidades.
- (iv) O mesmo que interação linguística, conversação, organizada por um aparato que inclui o falante, o ouvinte, o assunto, e o conjunto de imagens construídas pelos falantes sobre eles mesmos e a posição que eles assumem com respeito ao assunto: Sacks; Schegloff; Jefferson (1972), Marcuschi (1983), Preti (Org. 1993, 1997, 1998, 2000, 2002).

- (v) Finalmente, entende-se também por discurso a articulação ideológica contida nos textos. Nesse sentido, a Análise do Discurso é uma espécie de nova Retórica, voltada para a hermenêutica dos textos, para surpreender as “formações discursivas”.

Talvez o único ponto em comum entre os analistas do discurso é sua determinação de ultrapassar a sentença como um limite da análise linguística, um programa que se encontra em teorias como o Funcionalismo.

A interpretação do Discurso como texto, como em (iii), e como conversação, como em (iv), será tomada em conta aqui, embora nem sempre as direções esquematizadas acima sejam apresentadas com clareza na literatura.

A Discursivização será entendida, em consequência, como o processo de criação do texto, mormente durante uma conversação. Ela abriga um número de atividades de interação que envolvem o falante e o ouvinte (ou o escritor e o leitor), através das quais nós (i) instanciamos os participantes da conversação, construindo suas respectivas imagens, (ii) organizamos a interação, desenvolvemos o tópico conversacional, objetivando agir sobre o outro, informar ou externar sentimentos, (iii) reorganizamos a interação por meio dos processos de correção sociopragmática, (iv) abandonamos o ritmo corrente por meio de digressões e parênteses, o que habitualmente gera outros tópicos do discurso, e (v) estabelecemos a coesão textual por meio de vários expedientes.

O produto da Discursivização, portanto, é o Discurso, entendido como texto, e sua disposição em gêneros. Os pesquisadores do PGPF identificaram as seguintes categorias textuais, que configuram o sistema do Discurso: (i) unidades discursivas, (ii) estrutura tópica, (iii) reformulação da estrutura tópica por meio da repetição, da correção, do parafraseamento, (iii) descontinuação da estrutura tópica por meio da hesitação, da interrupção, da parentetização, e (iv) conectivos textuais expressos por marcadores discursivos e por conjunções textuais.

Algum desconforto entre os pesquisadores pode ser identificado quando essas questões são tratadas como casos de gramaticalização. Em tais casos, diferentes processos linguísticos convergiriam para uma única dimensão da Gramática, como se pode ver em Bittencourt (1999), Gorski; Gibbon; Valle; Rost; Mago (2002), Braga; Silva; Soares (2002), Braga; Paiva (2003), Jubran; Koch (Orgs. 2006). Em Castilho (1997a: 60), objetei que esse ponto de vista trata a gramaticalização como um epifenômeno, o que obscurece esse processo.

(2.4) Gramática e gramaticalização

Entre os quatro processos constitutivos da língua, o da Gramaticalização é de longe o mais estudado. A Abordagem multissistêmica restringe o papel da gramaticalização à criação e mudança (i) da estrutura fonológica das palavras (fonologização), (ii) da estrutura morfológica da palavra (morfologização) e (iii) da estrutura sintática da sentença (sintaticização).

A Gramática é o sistema que resulta da gramaticalização, consistindo de estruturas em processo de cristalização, arrançadas em três subsistemas: fonologia, morfologia e sintaxe. Reflexões sobre a Gramática têm sido organizadas à volta de suas classes, relações entre essas

classes, e as funções que elas desempenham nos enunciados. Constituem classes gramaticais o fonema, a sílaba, o morfema, a palavra, o sintagma e a sentença. As relações gramaticais são expressas pela transitividade, concordância e colocação. As funções gramaticais são expressas pelo predicado, pelos argumentos e pelos adjuntos.

(3) Base II: um dispositivo sociocognitivo administra os sistemas linguísticos

Seja como conjunto de domínios (ou processos), seja como conjunto de sistemas (ou produtos), a língua continuará a depender de uma articulação que assegure a eficácia de seu uso. Essa articulação se dá ao abrigo do que venho chamando de “dispositivo sociocognitivo”, explicitável por meio da ativação, desativação e reativação de propriedades.

Esse dispositivo se fundamenta nas estratégias da conversação, que é a utilização mais básica das línguas naturais. Ele tem uma dimensão cognitiva e uma dimensão social.

Ele é *cognitivo* porque se fundamenta na representação de categorias e subcategorias cognitivas. Essas categorias não são exclusivas nem negativas, visto que umas não se opõem a outras. Ao contrário, elas são problemáticas e integrativas. Já destaquei que a categoria da PESSOA, representadas na dêixis, é ordenadora dos processos e produtos dos sistemas linguísticos, e nisto acompanho Nascimento; Oliveira (2004).

Mas esse dispositivo é também *social*, porque baseado na análise continuada das situações que ocorrem numa conversa, mais particularmente, na gestão dos turnos conversacionais. A conversação é de fato a atividade linguística básica, e pode proporcionar-nos alguns elementos de interesse para esta demonstração.

O dispositivo sociocognitivo gerencia os sistemas linguísticos, garantindo sua integração para a eficácia dos atos de fala. De acordo com esse dispositivo, o falante ativa, reativa e desativa propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais no momento da criação de seus enunciados, constituindo as expressões que pretende “pôr no ar”.

A postulação desse dispositivo, volto a insistir, decorreu dos achados da Análise da Conversação e do PGPF, projetos que tomaram exclusivamente a língua falada como objeto empírico. Descobrimos que a língua falada é mais reveladora dos processos de criatividade que a língua escrita.

O dispositivo sociocognitivo compreende os seguintes movimentos:

(3.1) Dispositivo de ativação: o Princípio de projeção

Quando conversamos, tentamos o tempo todo prever os movimentos verbais do interlocutor, isto é, se ele completou sua intervenção, se ela ainda está em curso, se devemos antecipar o momento de nossa entrada no curso da fala, etc. Para dar conta desse mecanismo, que assegura a manutenção da conversação, Sacks; Schegloff; Jefferson (1974: 702) postularam um “*componente de construção de turnos*” cujas unidades-tipo, isto é, as palavras, os sintagmas e as sentenças com os quais o falante constrói seu turno, “*projetam a próxima unidade-tipo*”, numa sorte de antecipação da atuação verbal do interlocutor.

Proponho que o dispositivo de ativação se fundamenta no princípio da projeção discursiva: Castilho (1998/2004). Esse dispositivo é responsável pela ativação das propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais das línguas naturais.

(3.2) Dispositivo de reativação: o Princípio de recursão

No curso de uma conversação temos frequentemente de mudar seu rumo, seja corrigindo nossas próprias intervenções (= autocorreção), seja corrigindo a intervenção do interlocutor (= heterocorreção). O sistema de correção conversacional busca eliminar os erros de planejamento.

Proponho que o dispositivo de reativação das propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais se fundamenta na estratégia de correção pragmática, o que explica uma diversidade de fenômenos examinados em minha *Nova gramática do português brasileiro*.

(3.3) Dispositivo de desativação: o Princípio de elipse

Também se observam na conversação movimentos de abandono ou desativação de uma estratégia em curso, e conseqüente ativação de outra. Isso explica as *despreferências*, termo proposto por Marcuschi (1983) para denominar a estratégia que consiste em verbalizar o que não é esperado, violando-se o princípio de projeção pragmática. Isso ocorre quando respondemos a uma pergunta com outra pergunta, quando recusamos um convite, etc. Nestes casos, segundo esse mesmo autor, cria-se na conversação um “vazio pragmático”.

Proponho que o dispositivo sociocognitivo de desativação, ou da elipse, se fundamenta na estratégia conversacional de despreferência.

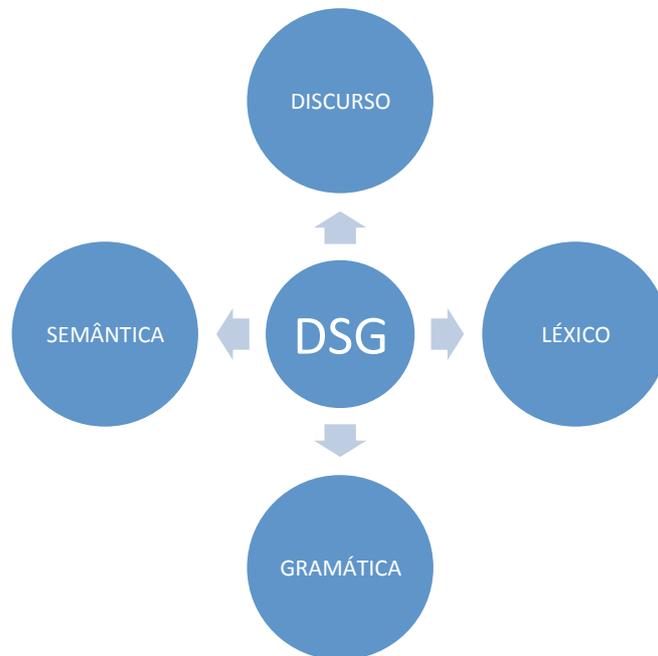
É importante enfatizar que esses princípios operam ao mesmo tempo, não sequencialmente; acompanho Lakoff (1987) nesse raciocínio. Assim, a desativação ocorre simultaneamente com a ativação, e esta com a reativação, o que compromete o princípio da unidirecionalidade, se estivermos considerando os mecanismos intersistêmicos de produção linguística.

Os princípios sociocognitivos agem por acumulação de impulsos, simultaneamente, e somente assim poderemos dar conta da extraordinária complexidade da linguagem. Neste quadro, fica difícil concordar com as análises que mencionam o “desbotamento” do sentido, a “erosão” fonética, pois a língua desvela um processo contínuo de ganhos e perdas. Melhor seria enquadrar a mudança linguística no quadro do “pensamento não linear complexo”, debatido, por exemplo, em Carvalho; Mendonça (Orgs. 2004).

É digno de nota constatar-se que os pesquisadores das redes neurais chegaram aparentemente a uma conclusão semelhante, assim descrita por Cilliers (2000: 67):

Uma rede neural consiste numa grande coleção de nós interconectados, ou ‘nêurons’. Cada neuron recebe inputs de muitos outros. Cada conexão dispõe de certa força associada a ela, com o peso dessa conexão. Esses pesos têm valores reais que tanto podem ser positivos (excitatórios), negativos (inibitórios), ou zero (implicando em que os dois nêurons respectivos não são conectados) (meus sublinhados).

O seguinte gráfico representa a Abordagem multissistêmica das línguas naturais:



Neste gráfico, DSG significa “dispositivo sociocognitivo”. As flechas indicam que o DSG afeta todos os sistemas linguísticos. Observe-se que não há linhas reunindo os sistemas do Discurso, da Semântica, do Léxico e da Gramática, conceituados aqui em sua independência uns em relação aos outros. Interfaces podem ocorrer, mas não regras de dependência, ou seja, o Léxico não governa a Gramática, esta não governa a Semântica ou o Discurso, o Discurso... bem, você mesmo poderá completar as combinações possíveis.

PROLÍNGUA: Diversos linguistas brasileiros filiados à vertente funcionalista vêm “abandonando” a teoria clássica da gramaticalização e assumindo perspectivas cada vez mais cognitivistas. Há um entendimento de que gramaticalização pressupõe construcionalização, defendendo-se que a mudança linguística passa pela convencionalização de padrões de uso. Há alguma convergência entre a abordagem construcionista - difundida por autoras como Bybee e Traugott - que pressupõe uma integração léxico/gramática e a abordagem multissistêmica?

ATALIBA CASTILHO: A teoria clássica da gramaticalização embutia uma série de problemas que não foram solucionados. Isto explica a migração dos funcionalistas para a Linguística Cognitiva, mesmo considerando-se nosso velho hábito de aderir rapidamente às novas teorias.

Para encaminhar uma resposta à sua pergunta, precisarei inicialmente recordar as bases dos estudos sobre a gramaticalização. Essas bases nem sempre vêm claramente formuladas na literatura disponível. Ela nem sempre tem o cuidado de especificar aquilo sobre o que está falando. O leitor entenderá o que se segue como uma interpretação dessa literatura.

Base I: do Léxico para a Gramática e a Semântica

A gramaticalização tem sido entendida como o conjunto das alterações sofridas por um item lexical, ao longo das quais ele passa por modificações em suas propriedades fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas, deixa de ser uma forma livre, estágio em que pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização extrema. Esse trajeto, que vai do Léxico para a Gramática, se dá tanto no tempo real quanto no tempo aparente.

Antoine Meillet foi o primeiro linguista a estudar o processo da gramaticalização, situando-o no plano diacrônico. Ele propõe inicialmente a existência de três classes de palavras, as palavras principais, as palavras acessórias e as palavras gramaticais, indicando que entre elas há uma transição gradual. A esse processo de transição ele chamou *gramaticalização*, entendida como a "*atribuição de um caráter gramatical a um termo outrora autônomo*": Meillet (1912: 131).

Essa transição implica no esvaimento tanto do sentido quanto da forma, de tal sorte que em dado momento uma palavra acessória se transforma numa palavra gramatical, podendo mesmo juntar-se a uma palavra principal para atribuir a esta um papel gramatical de que ela não dispunha antes. Para exemplificar o processo, ele chama a atenção para os usos do verbo francês *être* como palavra principal (= verbo locativo, como em *Je suis là*, “eu estou aqui”), como palavra acessória (= verbo de ligação, como em *Il est bon*, “ele é bom”) e como palavra gramatical (= verbo auxiliar, como em *Il est arrivé*, “ele chegou”). Um ponto alto na auxiliarização dos verbos se dá quando um mesmo verbo pode ser usado como auxiliar e como verbo principal, como em *Ele tem tido desgostos*, *Ele vai ir*, etc.

A exemplificação de Meillet leva a crer que por gramaticalização pode-se entender tanto um processo diacrônico, isto é, a derivação de usos "acessórios" e "gramaticais" de um uso "principal", quanto um processo sincrônico, isto é, a convivência dos usos assim constituídos num mesmo recorte do tempo.

Kurylowicz foi mais enfático no que diz respeito ao percurso Léxico > Gramática, quando definiu a gramaticalização como um processo em que se verifica *a ampliação dos limites de um morfema, cujo estatuto gramatical avança do léxico para a gramática, ou de um nível menos gramatical para mais gramatical, isto é, de formante derivativo para formante flexional*: Kurylowicz (1965), apud Lehmann (1982). Ao gramaticalizar-se, o item lexical perde substância semântica ("bleaching", "fading") e fonológica. Quando um item lexical "migra" para a gramática, ele passa a comportar-se como morfema livre (no caso dos Auxiliares), ou como morfema preso (no caso dos afixos derivados de um morfema livre).

Heine e Reh (1984), apud Hopper e Traugott (1993: 87), sintetizam com as seguintes palavras o entendimento que se vem tendo do fenômeno da gramaticalização: "*evolução em que unidades linguísticas perdem em complexidade semântica, liberdade sintática e substância fonética*". Por outras palavras, a gramaticalização é o estudo de mudanças linguísticas situadas no continuum que se estabelece entre unidades independentes, localizadas em construções menos ligadas, e unidades dependentes tais como clíticos, partículas, auxiliares, construções aglutinativas e flexões, localizadas em construções mais ligadas: Traugott (1988). Observe-se também o aparecimento do argumento semântico.

Formulação parecida foi elaborada por Hodge (1970) e Givón (1971, 1979 e 1983). Hodge tinha admitido dois estágios: (i) sintaxe forte e morfologia fraca, e (ii) sintaxe fraca e morfologia forte. Givón (1971: 413), parece estar dialogando com Hodge quando afirma que

"a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem". Bem, já agora os linguistas estão jogando com dois dos três subsistemas da Gramática, a morfologia e a sintaxe.

Base II: do Discurso para a Gramática

Posteriormente, a formulação acima recebeu o seguinte aditamento: "*a sintaxe de hoje é o discurso pragmático de ontem*": Givón (1979: 208-209). Surgiu assim a escala *Discurso > Sintaxe > Morfologia > Morfofonêmica > Zero*. Os estudos sobre os estágios da gramaticalização retornam com bastante frequência na literatura. Agora, um novo sistema linguístico se apresenta no circo da gramaticalização, o Discurso.

Assim, passo a passo a gramaticalização foi se convertendo num epifenômeno, envolvendo o Léxico, a Gramática (Morfologia e sintaxe), a Semântica e o Discurso. Tudo isso obscureceu seu objeto. O pior de tudo isso, é que os "gramaticalizadores" – e aqui me sirvo de uma expressão cunhada por Rosa Virgínia Mattos e Silva – raramente definem o que entendem por esses pontos da escala, obrigando seus leitores a formularem ilações.

Tratando das fases da gramaticalização, Lehmann (1982b: 13) organizou um quadro bastante abrangente:

Fases da gramaticalização

<i>Nível</i>	<i>Discurso > Sintaxe > Morfologia > Morfofonêmica > Zero</i>
<i>Técnica</i>	<i>isolante > analítico > sintético-aglutinante > sintético-flexional</i>
<i>Fase</i>	----->
	<i>Sintaticização</i>
	----->
	<i>Morfologização</i>
	----->
	<i>Desmorfemização</i>

Processo

GRAMATICALIZAÇÃO

Esse esquema apoia-se em que a gramaticalização trata evidentemente de um **processo** linguístico, de que resulta a Gramática. Caso contrário, o que estaria fazendo ali o sufixo – *ação*?

Se o pressuposto é estudar um processo, temos de admitir que estamos investigando como a mente produz a linguagem. O uso do termo Gramática como um ponto de chegada ajuda-nos muito pouco, a menos que nessa literatura se assuma, tacitamente, que a Gramática ocupa o centro das línguas naturais.

O problema é que, dispondo tais categorias numa sequência linear (vejam-se as escalas – *clines*- transcritas acima), estamos admitindo que a mente humana, ao produzir a linguagem, opera através de impulsos sequenciais, não simultâneos. Ora, linear é a língua escrita, nem haveria mesmo outro jeito de utilizá-la. Mas os fenômenos da língua falada, com seus simultaneísmos, antecipações do que ainda se vai falar, repetição, etc., mostram exatamente o

contrário. Não mostram um mundo ordenado. Mostram um mundo complexo. Deve ser por isso que até o final dos anos 1960 se afirmava que a língua falada não era um objeto digno de estudo. Pior, ela não dispunha de uma sintaxe!

Precisaremos elaborar procedimentos para tratar com um objeto empírico dessa natureza. A Abordagem multissistêmica procura ser uma das respostas possíveis a essa necessidade. Procura, também, mostrar aos linguistas brasileiros que está mais do que na hora para buscar generalizações, deixando a comodidade de importar uma teoria atrás da outra, sem refletir na enorme empiria que construímos, seja sobre o PB, seja sobre as línguas indígenas.

Quanto à aludida migração dos gramaticalizadores para a Gramática das construções, penso que a coisa é outra. A Linguística cognitiva passou a ocupar a atenção dos linguistas brasileiros. Nesse modelo, foram escritas até aqui duas gramáticas cognitivas, a da Ronald Langacker e a de Adele Goldberg, autora da *Construction grammar*.

Segundo Salomão (2009: 27), duas premissas fundamentam a Gramática das Construções:

“A primeira delas é a indistinção entre léxico e sintaxe: a gramática é concebida como uma grande rede construcional, de tal modo que as unidades construcionais divergem apenas no caráter de sua especificação formal: há construções inteiramente abertas (como é o caso da construção Sujeito-Predicado); há construções parcialmente especificadas (como a construção proporcional quanto mais x, mais y), e há construções inteiramente especificadas (como o sufixo {+ ista}, em pianista, ou o lexema verde, ou expressões formulaicas e proverbiais, tais como Fica com Deus! Gato de casa a gente não corre atrás, etc. A segunda premissa fundadora é a concepção do signo linguístico como vetor bipolar indissociável (pelo menos em sua representação prototípica), pareando forma e condições de construção do sentido, que são sempre pragmático-semânticos”.

PROLÍNGUA: Em relação aos estudos de gramaticalização no Português Brasileiro (PB), quais seriam os temas a pontuarem uma agenda produtiva ou, especificamente, que questões se apresentam como mais relevantes para quem se decida, hoje, a investigar o funcionamento da gramática do PB nessa perspectiva?

ATALIBA CASTILHO: Sou suspeito para responder a essa pergunta, pois não creio que um só pesquisador dê conta de uma agenda que inclua os estudos de gramaticalização, de uma perspectiva diacrônica.

Primeiro, porque disponho a gramaticalização entre outros processos de criação linguística, apresentados na primeira resposta aqui formulada. Segundo, porque desenvolver um programa de pesquisas multissistêmicas é necessariamente uma atividade de equipe. Ninguém pode ser competente ao mesmo tempo em Gramática (fonologia, morfologia, sintaxe), Semântica (Semântica lexical/gramatical/discursiva), Léxico (criação das palavras, áreas lexicais, neologismos, estrangeirismos, redação de dicionários, etc.) e Discurso (restritivamente entendido como o domínio de criação do texto).

Quanto a escolha de temas mais relevantes, os autores que estão preparando o volume “Mudança gramatical funcionalista”, que integra a coleção em preparação História do Português Brasileiro, previsto para 2016, responderam a essa pergunta, propondo o seguinte:

Cap. 1. Pronomes e determinantes: a reestruturação do paradigma pronominal no português brasileiro pelo viés da gramaticalização - Célia Regina dos Santos Lopes, Márcia Rumeu, Leonardo Marcotúlio (UFRJ)

Cap. 2. O substantivo - Roberto Gomes Camacho (Unesp/SJRP)

Cap. 3. O verbo – Raquel Meister Ko. Freitag (UFSe)

Cap. 4. O adjetivo - Maria Célia Lima-Hernandes (USP), Maria Angélica Furtado da Cunha (UFRN), Mariângela Rios de Oliveira, Nilza Barroso Dias (UFF), Vânia Cristina Casseb-Galvão (UFGo)

Cap. 5. Os advérbios – Maria Maura Cezario (UFRJ), Karen Sampaio Braga Alonso, Deise Moraes Pinto, Júlia Oliveira Costa Nunes, Érika Cristine Ilogti de Sá

Cap. 6. As preposições - VerenaKewitz (USP), Maria Lúcia Leitão (UFRJ)

Cap. 7. A coordenação - ErotildePezatti e Sanderléia R. Longhin-Thomazi (Unesp/SJRP)

Cap. 8. A subordinação substantiva - Sebastião Carlos Gonçalves, Marize Dall’Aglío Hattner, Gisele Cássia de Sousa (Unesp / SRJP)

Cap. 9. A subordinação adjetiva - Edvaldo Bispo (UFRN)

Cap. 10. A subordinação hipotática - Maria Luíza Braga, Conceição de Paiva (UFRJ), José da Silva Simões (USP)

Cap. 11. A correlação – Marcelo Módolo (USP)

Cap. 12. A concordância - Célia M. M. de Castilho, pós-doutoranda USP/Fapesp, Ataliba T. de Castilho (USP/Unicamp), Edilaine Buin e Bruno Maroneze (UGD), Flávia O. Fernandes e Marcel Caldeira (Unicamp).

PROLÍNGUA: Que referências bibliográficas não poderiam faltar na estante de um pesquisador que se considera funcionalista e que está preocupado em investigar os fenômenos de mudança linguística? E que leituras lhe têm despertado interesse atualmente?

ATALIBA CASTILHO: Ultimamente, tenho lido sobre Semântica, pois ministro juntamente com Rodolfo Ilari um curso de pós-graduação sobre o tópico. Continuo preparando ensaios sobre a abordagem multissistêmica de fatos da língua, juntamente com meus orientandos de doutorado e pós-doutorado.

Quanto às referências bibliográficas, vou limitar-me ao que foi citado nesta entrevista. Muito obrigado!

Ataliba T. de Castilho
Outubro de 2014

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Bernadete M. ODRIGUES, Ângela C. S. (Orgs.). *Gramática do Português Falado*, vol. VIII: novos estudos descritivos. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas / Fapesp
- ABAURRE, Maria Bernadete (Org. 2013). *A Construção fonológica da palavra*. Gramática do Português Culto Falado no Brasil, vol. VII. São Paulo: Editora Contexto.
- BLANCHE-BENVENISTE, Claire et al. (1979). Des grilles pour le français parlé. *Recherches sur le français parlé* 2: 163-205.
- BLANCHE-BENVENISTE, Claire et al. (1984). *Pronom et syntaxe. L'approche pronominale et son application à la langue française*. Paris: Selaf.
- BLANCHE-BENVENISTE, Claire (Éd.1990). *Le Français parlé: études grammaticales*. Paris: CNRS.
- BERRUTO, G. (1985a). Per una caratterizzazione del parlato: l'italiano parlato ha un'altra grammatica? Em: G. Holtus / E. Radtke (Hrsg. 1985: 120-153).
- BITTENCOURT, Vanda de Oliveira (1999). Gramaticalização e discursivização no português oral do Brasil. Em: *Scripta* 2 (4): 39-53.
- BRAGA, Maria Luíza; SILVA, Renata Cristina V. P. Da; SOARES, Suelen M. (2001). *Aí e então* e a hipótese da trajetória universal. Em: M.H. de M. Neves (Org. 2001: 13-24).
- BRAGA, Maria Luíza; PAIVA, Maria da Conceição de (2003). Do advérbio ao clítico *é isso aí*. Em: Roncarati, C.; Abraçado, J. (Orgs. 2003: 206-212).
- BRAGA, Maria Luíza; MANFILI, Keylla (2004). Essa é a preocupação onde eu quero chegar. *Onde* em referências anafóricas no português do Brasil. *Veredas* 8 (1-2): 233-243, 2004.
- CARVALHO, Edgard de Assis; MENDONÇA, Terezinha (Orgs. 2004). *Ensaio de Complexidade 2*. Porto Alegre: Editora Sulina.
- CILLIERS, Paul (2000). *Complexity & postmodernism. Understanding complex systems*. London and New York: Routledge.
- CASTILHO, Ataliba T. de (1984a). El proyecto de estudio coordinado de la norma culta. Formalismo y semanticismo en la sintaxis verbal. Em: Donald F. Solá (Ed 1984). *Language in the Americas. Proceedings in the Ninth PILEI Symposium*. Ithaca: Cornell University, pp. 161-165.
- CASTILHO, Ataliba T. de (Org. 1990). *Gramática do português falado*, vol. I, A ordem. Campinas, Editora da Unicamp / Fapesp; 4ª. edição, 2002.
- CASTILHO, Ataliba T. de (Org. 1993). *Gramática do português falado*, vol. III, As abordagens. Campinas: Editora da Unicamp / Fapesp; 3ª. edição, 2002.
- CASTILHO, Ataliba T. de; BASÍLIO, Margarida (Orgs. 1996). *Gramática do português falado*, vol. IV, Estudos Descritivos. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas/FAPESP; 2ª. edição revista, 2002.
- CASTILHO, Ataliba T. de (1997a). A gramaticalização. *Estudos linguísticos e literários* 19: 25-63, 1997.
- CASTILHO, Ataliba T. de (1997b). Língua falada e gramaticalização: o caso de *mas*. *Filologia e Linguística Portuguesa* 1: 107-120, 1997.
- CASTILHO, Ataliba T. de (1997c). Para uma sintaxe da repetição. Língua falada e gramaticalização. *Língua e Literatura* 22: 293-332, 1997 (Universidade de São Paulo). Uma

versão preliminar [Castilho 2000c] apareceu como: A repetição como processo constitutivo da gramática do português falado. Em: José Antonio Samper Padilla y Magnolia Troya Déniz (Orgs. 2000). *Actas del XI Congreso de la Asociación de Lingüística y Filología de la América Latina*. Las Palmas: Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, tomo III, pp. 2289-2298.

CASTILHO, Ataliba T. de (1998 a). *A Língua falada no ensino do português*. São Paulo: Editora Contexto; 5^a. reimpressão, 2014.

CASTILHO, Ataliba T. de. (1998c). Langue parlée et processus grammaticaux. Em: M. Bilger; K. van denEynde; F. Gadet (Eds.) *Analyse linguistique et approches de l'oral*. Recueil d'études offertes en hommage à Claire Blanche-Benveniste. Paris/Leuven: Peeters, pp. 141-148.

CASTILHO, Ataliba T. de (1998d). Aspectos teóricos de la descripción de la lengua hablada. Em: Mario Bernal y Constantino Contreras (Orgs.) *Por los Caminos del Lenguaje*. Temuco: Ediciones Universidad de La Frontera, pp. 23-37.

CASTILHO, Ataliba T. de (1998f). Língua falada e processos gramaticais. Em: S. Grosse / K. Zimmermann (Eds. 1998: 37-72).

CASTILHO, Ataliba T. de (2002a). Linguística cognitiva e tradição funcionalista. *Estudos Linguísticos* 32: 1-8, 2002.

CASTILHO, Ataliba T. de (2003a). Análise multissistêmica das preposições do eixo transversal no Português Brasileiro. Em: J. Ramos; M. Alckmim (Orgs. 2007: 53-132).

CASTILHO, Ataliba T. de (2003b). Proposta funcionalista de mudança linguística: os processos de lexicalização, semanticização, discursivização e gramaticalização na constituição das línguas. Em: T. Lobo; I. Ribeiro; Z. Carneiro; N. Almeida (Orgs. 2006: tomo 1: 223-296).

CASTILHO, Ataliba T. de (2003c). Notas sobre a gramaticalização de vez. Em: Clarinda Maia (Org. 2003). *Revista Portuguesa de Filologia* vol. XXV, tomo 1: 113-124, 2003-2006. [Miscelânea de Estudos in memoriam Prof. Dr. José Gonçalo Herculano de Carvalho].

CASTILHO, Ataliba T. de (2004a). Diacronia das preposições do eixo transversal no Português Brasileiro. Em: Lígia Negri et al. (Org. 2004: 11-47).

CASTILHO, Ataliba T. de (2004b). Unidirectionality or multidirectionality? *Revista do GEL* 1: 35-48, 2004.

CASTILHO, Ataliba T. de (2004d). Reflexões sobre a teoria da gramaticalização. Contribuição ao debate sobre gramaticalização no contexto do PHPB. Em: Wolf Dietrich; Volker Noll (Orgs. 2004: 203-230).

CASTILHO, Ataliba T. de (2007). Abordagem da língua como um sistema complexo. Contribuições para uma nova Linguística Histórica. Em: A.T. de Castilho; M.A. Torres Morais; R.E.V. Lopes; S.M.L. Cyrino (Orgs. 2007: 329-360).

CASTILHO, Ataliba T. de (2009a). An approach to language as a complex system. Em A.T. de Castilho (Org. 2009: 119-136).

CASTILHO, Ataliba T. de (2009b). Para uma análise multissistêmica das preposições. Em A.T. de Castilho (Org. 2009: 279-332).

CASTILHO, Ataliba T. de (2009c). A categoria cognitiva de movimento na gramática do Português. Refletindo sobre os achados dos Projetos NURC, PGPF e PHPB. Em: Dermeval da Hora; Eliane Ferraz Alves; Lucienne C. Espíndola (Orgs. 2009). *Abralin: 40 anos em cena*. João Pessoa: Editora Universitária, pp. 71-96.

- CASTILHO, Ataliba T. de (2009d). Análise multissistêmica da sentença matriz. Em: V.L.M. de Oliveira e Paiva; M. do Nascimento (orgs. 2009: 35-60).
- CASTILHO, Ataliba T. de (2009e). Análise multissistêmica das minissentenças. Em: S.S.C Ribeiro; S.B.B. Costa; S.A.M. Cardoso (orgs. 2009: 61-82). Republicado com alterações em Suzana Alice Cardoso et alii (Orgs., no prelo). *Miscelânea de estudos dedicados a Jacyrá Motta*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, no prelo.
- CASTILHO, Ataliba T. de (2010 a). *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto.
- CASTILHO, Ataliba T. de (2010b). Para uma abordagem cognitivista-funcionalista da gramaticalização. Em: Dermeval da Hora; Camilo Rosa Filho (orgs.). *Para a História do Português Brasileiro*. 1a. ed. João Pessoa: Ideia / Editora Universitária, 2010, v. VIII, p. 272-283.
- CASTILHO, Ataliba T. de; MORAES DE CASTILHO, Célia Maria (2011). Perspectiva multissistêmica da concordância. Em: Maria Célia Lima-Hernandes; Manoel Mourivaldo Santiago Almeida (orgs). *História do Português Paulista*. Série Ensaios, vol. 3. São Paulo, pp. 111-132.
- CASTILHO, Ataliba T. de (2011). Some representationsofMOTION in EP and BP standards. Em: A.S. da Silva; A. Torres; M. Gonçalves (Orgs. 2011). *Línguas pluricêntricas. Variação linguística e dimensões sociocognitivas*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Braga, pp. 45-60.
- CASTILHO, Ataliba T. de; ELIAS, Wanda Maria (2012 a). *Pequena gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto.
- CASTILHO, Ataliba T. de (2012b). Princípio de projeção. Em: Sedrins et alii (Orgs. 2012, pp. 29-64).
- CASTILHO, Ataliba T. de (2012c). Funcionalismo e gramáticas do português brasileiro. Em E.R. de Souza (Org. 2012, pp. 17-42).
- CASTILHO, Ataliba T. de; MORAES DE CASTILHO, Célia Maria (2013 a). Aspectos da concordância verbal no português médio. Em: R. Álvares et al (Edición ao cuidado de), pp. 107-124.
- D'ACHILLE, P. (1990). *Sintassidelparlato e tradizionescrittadellalingua italiana*. Analsiditestedalle origine al secolo XVIII. Roma: Bonacci Editore.
- DE MAURO, Tulio et al. (a cura di 1994). *Come parlanogliitaliani*. Firenze, La NuovaItalia.
- DURANTI, Alessandro; OCHS, Elinor (1979a). 'La pipa lafumi ?' Uno studiosulladislocazione a sinistre nelleconversazioni. *Studi digrammatica italiana* 8: 269-302, 1979.
- DURANTI, Alessandro; OCHS, Elinor (1979b). Left-dislocation in Italianconversation. Em: T. Givón (Ed. 1979: 377-416).
- FORD, C.E. (1993). *Grammar in interaction: adverbial clauses in American Englishconversation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- FORD, C. E. / THOMPSON, S. A. (1996). Interactionalunits in conversation: syntactic, intonationalandpragmaticresources for the management ofturns. Em: E. Ochs / E. S. Schegloff / S.A. Thompson (Eds. 1996). *InteractionandGrammar*. Cambridge: CUP, pp. 134-184.

- FORD, C. E.; THOMPSON, S. A. (1996). Interactional units in conversation: syntactic, intonational and pragmatic resources for the management of turns. Em: E. Ochs; E. S. Schegloff; S.A. Thompson (Eds. 1996). *Interaction and Grammar*. Cambridge: CUP, pp. 134-184.
- FRANCK, Dorothea (1981/1986/1988). Sentenças em turnos conversacionais: um caso de 'doublebind' sintático. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 11: 9-20, 1981. Versão em inglês: Sentences in conversational turns: a case of 'doublebind'. Em: M. Dascal (Ed. 1988, pp. 233-245).
- GIVÓN, Talmy (1979). *On understanding grammar*. New York: Academic Press.
- HEINE, Bernd ; HÜNNEMEYER, B. ; CLAUDI, U. (eds. 1991). *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press.
- HODGE, C.T. (1970). The linguistic cycle. *Language and Society* 13: 1-7, 1970.
- HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth C. (1993 / 2004). *Grammaticalization*. Cambridge: CUP, 2nd ed., 2004.
- LAKOFF, George (1975). Hedges: a study in meaning criteria and the logic of fuzzy concepts. Em: Hockney et al. (Eds.) *Contemporary research in philosophical logic and linguistic semantics*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Co., pp. 121-171.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio (1986). *Análise da conversação*. São Paulo: Ática.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio (1988/1991). Análise da conversação e análise gramatical. *Boletim da ABRALIN* 10: 1991, 11-34.
- LEHMAN, Christian (1982b). *Thoughts on grammaticalization. A programmatic sketch*. Köln: Arbeitendes Kölner Universalien-Projekt, vol. I.
- MEILLET, Antoine (1918/1958). *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Honoré Champion.
- MIRANDA, Neusa Salim; SALOMÃO, Maria Margarida Martins (Orgs. 2009). *Construções do Português do Brasil*. Da gramática ao discurso. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais.
- NENCIONI, G. (1983). *Di scritto e parlato. Discorsi linguistici*. Bologna: Zanichelli.
- ONO, Tsuyoshi; THOMPSON, Sandra A. (1994a). What can conversation tell us about syntax? Em: Philip W. Davis (Ed. 1994).
- ONO, Tsuyoshi; THOMPSON, S.A. (1994b). Interaction and syntax in the structure of conversational discourse. Em: E. H. Hovy and D. Scott (Eds. 1997).
- PARISI, D.; CASTELFRANCHI, C. (1977). Scritto e parlato. *Studi di grammatica italiana* 6: 169-190, 1977.
- SORNICOLA, Rossana (1981). *Sul parlato*. Bologna: Il Mulino.
- SORNICOLA, Rossana (1982). L'italiano parlato: un'altra grammatica? Em: *La Lingua Italiana in Movimento*. Firenze, pressol'Accademia [della Crusca], pp. 79-98.